

# A POÉTICA DOS BICHOS EM “ZOOS”, DE GUIMARÃES ROSA: IMAGENS DO PASSEIO PÚBLICO

FABRÍCIO LEMOS DA **COSTA**<sup>1</sup>  
SÍLVIO AUGUSTO DE OLIVEIRA **HOLANDA**<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo refletir sobre as imagens poéticas dos textos “Zoo (Whipsnade Park, Londres)”, “Zoo (Rio, Quinta da Boa Vista)”, “Zoo (Hagenbecks Tierpark, Hamburgo-Stellingen)”, “Zoo (Jardin des Plantes)” e “Zoo (Parc Zoologique du Bois de Vincennes)”, de Guimarães Rosa. “Zoos” são elaborados a partir de passeios públicos, sobretudo na época em que o autor mineiro exercia sua atividade de diplomata, desenvolvendo-se em imagens, as quais são recriadas em metáforas, isto é, reflexões, principalmente em torno de animais dos Zoológicos. Os textos fazem parte do livro *Ave, Palavra* (2009), obra póstuma de Rosa, constituindo-se em diversos gêneros textuais. Assim, nosso trabalho dar-se-á em forma de análise das imagens, numa poética rosiana em que o poético é retirado do cotidiano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ave, Palavra. Guimarães Rosa. Imagens Poéticas. “Zoos”. Cotidiano.

**ABSTRACT:** This paper aims at reflecting upon the poetic portraits of Guimarães Rosas’s texts intitled “Zoo (Whipsnade Park, Londres)”, “Zoo (Rio, Quinta da Boa Vista)”, “Zoo (Hagenbecks Tierpark, Hamburgo-Stellingen)”, “Zoo (Jardin des Plantes), and “Zoo (Parc Zoologique du Bois de Vincennes)”. “Zoos” are elaborated from public promenades, mostly by the time the author was working as a diplomat, developed in portraits, or images, which were recreated as metaphors, thusly becoming reflections, mainly about zoo animals. The texts belong to *Ave, Palavra* (2009), Rosa’s posthumous work, part of a diverse group of text genres. Therefore, the present reading is done from these portraits’ analysis from a Rosean poetics perspective, where the poetic element is taken from daily life.

**KEY-WORDS:** Ave, Palavra. Guimarães Rosa. Poetic Portraits. “Zoos”. Daily life.

Pórtico: Amar os animais é aprendizado  
de humanidade.

Rosa, Do Zoo ( Hagenbecks Tierpark,  
Hamburgo- Stellingen)

## AVE, PALAVRA: UMA BREVE INTRODUÇÃO

*Ave, Palavra* (2009), de João Guimarães Rosa, foi organizado por Paulo Rónai e publicado pela primeira vez em 1970, sendo considerada, pois, uma obra póstuma do autor mineiro. *Ave, Palavra* (2009) constitui-se a partir de diversos tipos de textos, como poemas, crônicas, diários e reflexões em geral, a maioria publicadas em jornais, assim como situam-se na época em que Rosa exercia a diplomacia. Dessa forma, tais textos são como uma miscelânea de reflexões em torno dos mais diversos temas e situações, retirados do cotidiano, na maioria, e transformados em imagens que resgatam passeios públicos, pensamentos sobre a guerra e reflexões poéticas. Rosa, na função de escritor ou diplomata, foi um acumulador de paisagens, anotando tudo em sua caderneta de bolso. Tais imagens podem ser visualizadas no livro em que se evoca a palavra. Eduardo F. Coutinho em *Grande Sertão: Veredas. Travessias* (2013), sublinha:

O segundo livro [*Ave, Palavra*] reúne 37 textos, por ele considerados definitivos, sobre assuntos variados (notas de viagem, diários, poesias, contos, flagrantes, reportagens poéticas e meditações) publicados também na imprensa, no período de 1947 a 1967, além de outros treze em que ele começara a trabalhar para esse volume, quatro dos quais inéditos. Foram acrescentadas ainda cinco crônicas, quatro das quais já publicadas, que fariam parte de outro pequeno livro, *Jardins e Riachinhos*. (COUTINHO, 2013, pp. 16-17)

## “ZOOS”: DAS IMAGENS POÉTICAS ÀS INTERPRETAÇÕES

Em *Ave, Palavra* (2009), encontramos seis textos classificados como “Zoo”, os quais se desenvolvem a partir de passeios públicos realizados pelo autor diplomata em zoológicos, tanto do Brasil quanto no exterior, sendo eles: “Zoo (Whipsnade Park, Londres)”, “Zoo (Rio, Quinta da Boa Vista)”, “Zoo (Hagenbecks Tierpark, Hamburgo-

Stellingen)”, novamente “Zoo (Hagenbecks Tierpark, Hamburgo-Stellingen)”, “Zoo (Jardin des Plantes)”, e “Zoo (Parc Zoologique du Bois de Vincennes)”. Assim, as visitas aos parques convertem-se nos textos em imagens, ora por metáforas, ora por comparações, tendo como perspectiva a visualização dos animais dos “Zoos”, em sua dimensão poética, reflexiva e cotidiana. É o autor no dia a dia da cidade, preocupado em transformar a realidade a partir das “lentes” da poesia. Benedito Nunes (2013) em *Bichos, Plantas e Malucos no sertão rosiano*, afirma: “Não há árvore que seja tão só um ente botânico nem animal que seja tão só um ente zoológico. Como naturalista descreve-o e como poeta lhe penetra o modo de ser”. (NUNES, 2013, p. 280). Vejamos um trecho de “Zoo (Whipsnade Park, Londres)”:

A serpente é solipsista, escoreita perfeita, no ar sem murmúrio movimento, desendireitada, pronta: como a linha enfiada na agulha.

...

Na rookery:

A águia- desembainhada.

O urubu: urubudista.

As corujas de cabeças redondas: cor de piano, cor de jornal.

A coruja \_ confusa e convexa \_ belisco que se interroga: cujo, o bico, central.

(ROSA, 2009, p. 98)

Como é possível perceber, o fragmento elabora-se no centro do passeio, mas o autor, não satisfeito apenas em ser espectador do zoológico, transforma toda a experiência em imagens poéticas, em que os bichos são caracterizados em seus aspectos físicos, marcando suas cores, fisionomia do corpo, gestos. Por outro lado, Rosa “alarga” as possibilidades, inserindo-os em caracteres quase humanos de ser, penetra-lhes, como comenta Nunes (2013), em possibilidades novas. “Zoos” pertencem à miscelânea do escritor, cujos tons chegam próximo do filosófico, da reflexão pura, realizando-se, como dissemos, em imagens poéticas. São flagrantes da vida, como comprova o seguinte trecho de “Zoo (Rio, Quinta da Boa Vista)”: “Zangosa, arrepiada, a arara é tarde de-

-manhã \_ vermelho sobre ouro-sobre-azul \_ velhice colorida: duros o bis-bico e o caráter de uma arara”. (ROSA, 2009, p. 133).

Em “Zoos”, dessa forma, a realidade é transformada ou transmutada em processo de alargamento dos signos da língua, numa espécie de cíclico poético, em que a *poiesis* refaz todos os valores significativos. Para Rosa, a realidade não basta, é necessário transformá-la em reflexão para além do mero espectador da vida e do cotidiano. Nesse sentido, estamos em plena capacidade da literatura em transpassar a informação objetiva, como pensou Roland Barthes<sup>3</sup>, com o fim de torna-se traduzida a partir das possibilidades humanas, cujas interseções carregam as muitas formas de entendimento em relação à paisagem, à realidade física e do homem. Marli Fantini (2008) comenta em *Literatura e meio ambiente: Vidas Secas e Grande Sertão: veredas*:

Barthes acredita na capacidade da literatura em dar um contorno à realidade, corrigi-la ou transformá-la. Ela defende que, no interior de um mesmo idioma, afloram várias línguas, cada uma das quais sendo capaz de traduzir distintos desejos. Ao declarar a potência da literatura, ele postula a necessidade de a língua “de toda a gente”, sob o pressuposto literário de Mallarmé, e, respectivamente, o político de Karl Marx, de que só se pode mudar o mundo mudando a língua. (FANTINI, 2008, p. 246)

No caso especial de “Zoos”, a realidade transforma-se a partir da interseção entre o mundo natural, a fauna em Zoológico, e as dimensões poéticas que se convergem durante o passeio. A arara, o macaco, a cobra, o elefante e todo o resto, adquirem caráter particularizante e universal, na medida em que são capturados em traços que se assemelham por identidade ou comparações com uma outra realidade, são as metáforas particularizadas do mundo, do ser e ao mesmo tempo capazes do aprendizado rápido, como pensou Aristóteles sobre a metáfora em *Retórica*: “uma aprendizagem fácil é, por natureza, agradável a todos; por seu turno, as palavras têm determinado significado, de tal forma que as mais agradáveis

são todas as palavras que nos proporcionam também conhecimento”. (*RETÓRICA*, 1410 b). Do aprendizado, consideramos ainda, à luz de Aristóteles, o estranhamento, o qual se identifica da própria metáfora, como formula o filósofo: “É, com efeito, a partir de bons enigmas que se constituem geralmente metáforas apropriadas. Ora, metáforas implicam enigmas e, por conseguinte, é evidente que são bons métodos de transposição”. (*RETÓRICA*, 1405 b). Em “Zoos”, os enigmas multiplicam-se, pedem do leitor uma parada para reflexão<sup>4</sup>, é pensamento perfazendo-se por meio dos animais, numa poética dos bichos. Atentemos para alguns exemplos.

Do “Zoo (Whipsnade Park, Londres)”:

Todo cavalo, de perfil, é egípcio. (Aquela cara que se projeta.)

...

A massa principal: elefante.

Um volume fechado: rinoceronte.

O amorfo arremedado: hipopótamo.

...

O ganso é uma tendência: seu andar endominado, pé-não-ante-pé, bi-oblíquo, quase de chapéu- reto avante a esmo.

...

A doninha flui \_ ela é só sua sombra.

A cavalez da zebra: arriscada, indigitada, impressa, polpuda; equi-necessária.

...

Os pinguins de costas \_ sua *ku-klux-klan*. (ROSA, 2009, p. 99)

Do “Zoo (Hagenbecks Tierpark, Hamburgo-Stellingen)”:

Pórtico: Amar os animais é aprendizado de humanidade.

...

Girafa, ah! Seu pescoço mastro totêmico. Seu focinho de borracha chata. Sua cabeça \_ conquanto concha marinha.

...

O ouriço-cacheiro sabe que é arcaico cacha-se. Espinhos ele ainda tem: como roseiras, os gatos, as alegrias. (ROSA, 2009, p. 163)

Rosa, autor que sempre estivera acompanhando de seu caderno de notas, poetizara o zoológico,

colocando-o no plano reflexivo-poético, no qual o mundo animal transfere-se para aquilo que o escritor de Cordisburgo já fizera com o sertão, ao elaborar uma geografia humana. Luiz Costa Lima (1969) em *Por que Literatura*, sublinha: “Mas o sertão não é só isso. A terra é frequentada pelo homem. O homem modifica a terra com o seu ato de compreensão”. (LIMA, 1969, p.72). Em “Zoos”, não temos o sertão de Riobaldo, mas a natureza em parques, zoológicos, fê-lo redimensionar a fauna para as perguntas filosóficas sobre o homem, suas questões: “*Se todo animal inspira sempre ternura, que houve, então com o homem?*”. (ROSA, 2009, p. 165, grifo do autor).

Assim, em “Zoos”, percebemos uma poética da experiência, em que Rosa, atento ao mundo e ao ser humano, devolve em imagens metafóricas os significados que se fizeram na aproximação entre palavras ou vivências distintas. Segundo Fantini, “o ser humano tende a buscar sentido e significados em suas experiências e sentimentos. Essa busca será tanto mais eficaz quanto mais os sentidos e significados forem recursivamente realimentados por outras experiências”, (FANTINI, 2008, p. 248). As imagens de “Zoos” são a feitura dos contrários, realizando-se em elegância, assim como requer a necessidade da demorada reflexão. De acordo com Aristóteles:

Os entimemas que nos proporcionam uma aprendizagem rápida são necessariamente “elegantes”. Por isso é que os entimemas “superficiais” não são os de maior aceitação (chamamos superficiais aos que são absolutamente óbvios, e em que não há nenhuma necessidade de nos esforçarmos por compreender), nem os que, uma vez expressos, não compreendemos, mas sim aqueles em que ou o conhecimento surge ao mesmo tempo que são pronunciados, mesmo que não existisse previamente, ou o entendimento segue pouco depois. (RETÓRICA, 1410 b)

Poder-se-ia dizer que por meio das imagens metafóricas em “Zoos”, é possível realizar-se uma aproximação da poesia com a filosofia, porque é no encontro que o pensamento elabora-se, além disso, “somente a filosofia é capaz de estabele-

cer as conexões do real e do racional. A poesia supera-se na filosofia”. (NUNES, 2013, p. 142). Da superação da poesia em “Zoos”, entendemos também o valor da reflexão filosófica por meio da relação de caracteres entre o mundo animal e as particularidades humanas, implantadas na fauna do zoológico, escrevendo-se: “O voo dos pardais escreve palavras e risos”. (ROSA, 2009, p, 282). Dessa forma, da capacidade humana em bichos as metáforas são construídas, como já foi dito, fazendo-se por meio de certa demora reflexiva, como deve ser a interpretação da metáfora:

O Mangusto, só a diminutivos. Eis: um coisinho, bibichinho ruivo, ratote, minuscúlim, que assoma por entre as finas grades a cabecinha triangularzinha. Mimo de azougue, todo pessoa e curiosidade, forte pingo de vida. Segura as grades, empunha-as, com bracinhos para trás e o peito ostentado, num desabusado de prisioneiro veterano. Mas enfeitaram-lhe o pescoço com uma fitinha azul, que parece agradecer-lhe mais que muitíssimo. (ROSA, 2009, p. 282)

A imagem poética em “Zoos”, portanto, é lugar onde esconde realidades, novidades que transbordam das situações, as quais poderiam ser vistas como apenas triviais, no entanto, fazem-se poéticas. Nos textos de “Zoos”, das imagens, exigem-se maneiras novas de perceber e pensar a realidade, uma espécie de disponibilidade do leitor, que ao lê-las, refaz os sentidos, compreendendo-as como abertura à novidade oferecida pela relação entre as palavras. Betina R.R. da Cunha (2009) em *Um tecelão ancestral: Guimarães Rosa e o discurso mítico*, capítulo “A imagem poética ou ‘Partida do audaz navegante’: era uma vez o casamento da realidade e da invenção”, expõe:

A imagem poética, graças a essa realidade nova que representa, permite ao leitor ver diferentemente, ver outras coisas que a palavra esconde e, nessa diferença, a imagem impõe um reconhecimento mais amplo, exigindo uma disponibilidade e uma abertura que, em última análise, são compartilhadas pelo poeta e seu leitor. (CUNHA, 2009, p. 39)

Guimarães Rosa foi um inventivo, investigador de toda a paisagem que se propunha a escrever, assim, olhava a cidade, seus sujeitos sempre como pressuposto da novidade, “trata-se, enfim, de um espírito curioso e investigativo, sempre a estudar a vida, a natureza, as paisagens percorridas”. (FANTINI, 2008, p. 47). Da inventividade, é que temos os diversos exemplos de imagens que se iniciam no mundo dos bichos e terminam no humano, uma espécie de fábula poética do autor viajante, assim como as palavras sempre transbordando os recursos pelo qual se valeu Rosa, isto é, os neologismos, construções realizadas, sobretudo com o auxílio da formação morfológica de vocábulos: “NA URSARIA. Jogai pão aos ursos, e vereis: O urso-de-colar, himalaíno \_ um senhor pândita, gordo, juboso, grande e de grande gala, preto luzente, rodados de excessivas roupas”. (ROSA, 2009, p. 321).

Vale ressaltar que consideramos neste estudo as imagens de “Zoos”, nos níveis semânticos, assim como no hermenêutico, de que fala Paul Ricoeur (1975) em *La métaphore vive*, já que a entendemos na particularidade do discurso, em que os vários “zoos” se dividem em *Ave, Palavra* (2009), mas congregam o mesmo teor, ou seja, a experiência do autor em passeio público e a transformação do visual em imagens poéticas. Em relação à metáfora e à hermenêutica, Paul Ricoeur explica: “Le passage au point de vue herméneutique correspond au changement de niveau qui conduit de la phrase au discours proprement dit (poème, récit, essai, etc.)”. (RICOEUR, 1975, p. 10).

Do nível hermenêutico, de que trata Paul Ricoeur (1975) em sua *La métaphore vive*, as imagens metafóricas relacionam-se no discurso de “zoos”, garantindo-lhes uma coerência nos textos, qual seja, o tratamento da fauna a partir do olhar poético sobre o lugar, como fica evidente no fragmento seguinte: “O feneque é a raposinha do Saara, que come ameixas e pão molhado no leite, e pula por brinquedo; quase menor que seu par de orelhas; mas dando-se com amorosos olhos, meio menina e graciosíssima”. (ROSA, 2009, p. 283, grifo nosso). Nesse sentido, Rosa, pelas imagens, toca a cidade,

seus zoológicos com a diversidade de seus bichos que se elevam ao poético e ao filosófico, estes se misturam na reflexão imagética. O autor mineiro, como Charles Baudelaire, não desenvolve “arte local, mas, ante o olhar do alegorista que toca a cidade, o olhar do estranho”. (BENJAMIN, 2002, p.699).

Do Zoológico, Rosa olha o humano, que coexiste guardado em cada animal, alguns chegam à visualização dos filósofos, em aparência e gesto: “Um orangotango de rugas na testa; que, sem desrespeito, tem vezes lembra Schopenhauer”. (ROSA, 2009, p. 99). Nos animais, o autor toca-lhes a partir da ideia filosófica, o qual lhe lembra e relaciona ao filósofo, como se apresenta no trecho: “O orangotango, capaz facundo de mutismo. Para dar risada, põe as mãos na cabeça. Ele é mais triste que um homem”. (ROSA, 2009, p. 99). Ressaltamos, ainda, que a metáfora como imagem, força-nos ao exercício da criatividade, tanto o criador, o autor, quanto o leitor, são fundamentais para a sua existência, pois se fazem no seio da interpretação, trabalho puramente hermenêutico. Donald Davidson (1992) em *O que as Metáforas significam*, sublinha:

A metáfora é o trabalho de sonho da linguagem e, como todo trabalho de sonho, sua interpretação recai tanto sobre o intérprete como seu criador. A interpretação dos sonhos requer colaboração entre o sonhador e o homem desperto, mesmo que sejam a mesma pessoa; e o próprio ato da interpretação é um trabalho da imaginação. Assim sendo, também compreender uma metáfora é um esforço tão criativo e tão pouco dirigido por regras quanto fazer uma metáfora. (DAVIDSON, 1992, p. 35)

Da interpretação, portanto, é que as metáforas rosianas caminham para a universalidade de suas questões, cujas interseções filosóficas e poéticas perfazem nos animais como aprendizado humano. Para eles, convergem as características universais, como a tristeza, a alegria e os pensamentos: “Nepáli, a apelo, trava as tortas pernocas, susta-se e comparece à beira da cerca. Também aprendeu já a esmolar”. (ROSA, 2009, p. 252). No zoológico,

as metáforas inauguram a relação poética entre os bichos, colocando-os na dimensão mais sensível do ser. Para os “zoos”, o passeio público se converte em exercício poético, caracterizando-se, além disso, como preocupação de um escritor que pela poesia ligou-se às questões filosóficas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em “Zoos”, do escritor mineiro João Guimarães Rosa, o poético convive com o cotidiano. Assim, entre os seis textos que se classificam com o título mencionado, acrescido do lugar, ou seja, da nacionalidade do zoológico ou parque, a peculiaridade é a mesma: são breves histórias, cujo fundamento principal dá-se a partir das construções metafóricas, imagens poéticas que se colocam uma após a outra. São reflexões rápidas do autor viajante, o qual se deixa envolver poeticamente por bichos, fauna em geral, alargando-se em novidades trazidas pelas imagens. Para Rosa, o passeio público integra-se em experiências de escrita poética, dimensionando a reflexão para além do mero

lugar e da trivialidade, como mostra o trecho de “Zoo (*Parc Zoologique du Bois de Vincennes*)”: “Dromedário: ser piramidal. / Elefante: a tromba é capaz de tudo, até do torcer de mãos do desespero. / O macaco é social demais, para poder valer. / E diz-me a girafa: \_ Este sujeito, aí, não existe...”. (ROSA, 2009, p.319).

Ao lado das imagens metafóricas, como foi dito anteriormente, os animais que integram a paisagem dos parques, são referências que ultrapassam seus caracteres apenas físicos, adquirindo peculiaridades humanas, além de funcionar como numa espécie de leituras do artista em relação à humanidade: “Pantera negra: na luz esverdeada de seus olhos, lê-se que a crueldade é uma loucura tão fria, que precisa do calor de sangue alheio”. (ROSA, 2009, p. 319). Para tanto, “Zoos” convida o leitor para a parada reflexiva, porque requer interpretação das imagens que se amontoam ao longo do trajeto do poeta/diplomata. Os textos são convites hermenêuticos do passeio público, breves enigmas para serem decifrados enquanto corremos os olhos por entre as jaulas dos zoológicos.

■ ConTextura

## NOTAS

1. Graduado e Licenciado em Letras-Língua Portuguesa pela UFPA-PA, Especialista em Produção de Material Didático e Formação de Leitores para a EJA pela UNIFAP-AP, Mestrando em Letras/Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará, Graduando em Filosofia pela UEAP-AP. E-mail: fabricio.lemos1987@yahoo.com.br.
2. Possui graduação em Letras (Português/Francês) pela Universidade Federal do Pará (1990), mestrado em Letras/Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará (1994), doutorado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000) e pós-doutorado em Estudos Românicos pela Universidade de Lisboa (2007). Atualmente é professor associado IV da Universidade Federal do Pará, tendo sido coordenador do Programa de Pós-graduação em Letras (2009-2011) da referida instituição. Desde 2001, é membro permanente do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Dirige a Faculdade de Letras (2017-2019) da UFPA. Tem experiência na área de Letras, atuando principalmente nos seguintes temas: Guimarães Rosa, Literatura brasileira, literatura da Amazônia e recepção crítica. E-mail: eellip@hotmail.com.
3. Cf. Fantini, 2008, p. 246: “Curiosamente, Guimarães Rosa, em entrevista concedida a Gunter Lorenz, no contexto do 1º Congresso de Escritores Latino-Americanos de Janeiro de 1965, em Gênova, defende, não diferente de Barthes, a potência criadora da literatura. Enquanto ‘escritor’, Rosa postula a necessidade de diferença cultural da América Latina, além de pleitear para a literatura produzida no continente um lugar ao sol na tradição canônica. É ainda deste locus de enunciação que ele pronuncia sua crença na função utópica da arte e, portanto, no papel transformador da literatura e do escritor”.

4. Cf. Cunha, 2009, p. 39: “A obra de Guimarães Rosa é uma produção exemplar, a confirmar- seja no discurso da poesia, seja naquele da narrativa- a função da palavra renovada pela imaginação, resguardando uma carga poética original e representativa de um universo mental, produtor de imagens e fascinantes”.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Retórica*. Obras Completas. Tradução de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. Tradução de Maria Cecília Londres. In: Teoria da literatura em suas fontes. Organização, Seleção e Introdução de Luiz Costa Lima. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, pp. 689-706.
- COUTINHO, Eduardo F. *Grande Sertão: Veredas. Travessias*. São Paulo: Realizações Editora, 2013.
- DAVIDSON, Donald. *O que as metáforas significam*. Tradução de Glória Regina Loreto Sampaio. In: Da Metáfora. Organização de Sheldon Sacks. São Paulo: EDUC/ Pontes, 1992, pp. 35-51.
- CUNHA, Betina R.R da Cunha. *Um tecelão ancestral: Guimarães Rosa e o discurso mítico*. Belo Horizonte: Editora ANNABLUME, 2009.
- FANTINI, Marli. *Guimarães Rosa: fronteiras, margens, passagens*. 2ª ed. São Paulo: Ateliê, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e meio ambiente: Vidas Secas e Grande Sertão: veredas*. In: A Poética migrante de Guimarães Rosa. Organização de Marli Fantini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, pp. 242-261
- LIMA, Luiz Costa. *Por que literatura*. Petrópolis: Vozes, 1969.
- NUNES, Benedito. *Literatura e Filosofia (Grande Sertão: veredas)*. In: A Rosa o que é de Rosa: literatura e filosofia em Guimarães Rosa. Organização de Victor Sales Pinheiro. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013, pp. 140- 168.
- \_\_\_\_\_. *Bichos, plantas e malucos no sertão rosiano*. In: A Rosa o que é de Rosa: literatura e filosofia em Guimarães Rosa. Organização de Victor Sales Pinheiro. Rio de Janeiro: DIFEL, 2013, pp. 279-297.
- ROSA, João Guimarães. *Ave, Palavra*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- RICOEUR, Paul. *La métaphore vive*. Paris: Éditions du Seuil, 1975.